

} 3.2

Padre Manuel Francisco Grilo

No ano de 1967, no dia 1 de Novembro, dia de Todos os Santos, nos quais apenas a Caridade permanece, partiu para o convívio destes quem dedicou a vida à prática desta virtude.

Falar do Padre Grilo é efectivamente falar da vocação a que todos somos chamados: ser Santos. E se houvesse dia para dar a resposta definitiva Àquele que permanentemente nos chama, este seria provavelmente aquele que melhor lhe assentaria, quer pela pobreza de não ter um dia especial para ele, quer pela riqueza da partilha da convivialidade com todos os Santos anónimos no louvor da eterna Glória da Trindade.

Santidade vivida de uma forma particular, sendo padre, a de ser ministro da Caridade Divina, na Igreja.

Desde o começo que assumi a responsabilidade da Obra por ele legada e que perpetua o seu nome, percebi que o Padre Grilo exerceu uma grande atracção em muita gente, quer pela emoção de voz nos relatos que ouvi daqueles que com ele tiveram a dita de contactar, quer pela saudade mostrada, como se de um ente querido se tratasse.

Foi então feito um trabalho de pesquisa para guardar a memória viva no coração desta gente do que resultou um livro que teve o patrocínio da Câmara Municipal de Matosinhos no ano cinquentenário da aprovação dos primeiros estatutos da Obra por ele iniciada, aprovados por D. António Ferreira Gomes em 1959.

No centenário do seu nascimento, D. Julio traçou o seu perfil:

Vulto inconfundível, grande, homem do mar, arrebatado, e que trazia dentro de si um amor maior do que ele; feroso nos seus projectos, frontal nas suas afirmações, inclinado para os mais pobres e para as crianças, corajoso a investir e a levantar a voz diante dos mais poderosos, amigo e fraterno com os pescadores, evangélico e eclesial; mas também o homem que se encrespava e que não tinha medo de viver na tempestade, se fosse preciso, e que tudo fazia para que aos seus meninos nada faltasse.

Passo em síntese a sua vida:

Nasceu em Ílhavo em 14 de Maio de 1888 pelas dez horas da manhã. Filho de Joaquim Francisco Grilo, marítimo, e de Rosa Luzia Pereira, padeira. É baptizado na igreja paroquial de Ílhavo a 27 de Maio.

Primogénito de sete irmãos, bem cedo se inclinou pela vocação sacerdotal, ingressando no seminário de Coimbra, diocese à qual Ílhavo pertencia, e é ordenado sacerdote com 22 anos, aos 17 de Dezembro de 1910.

Durante o tempo de Coimbra, em que se defendia nos meios académicos a teoria da geração espontânea, negando a Criação e pretendendo retirar Deus da existência e pensamento dos homens, sente a necessidade de estar à altura e frequenta os cursos de Medicina e Agronomia.

No seminário aprendeu música e por isso teve muitos problemas, pois tinha boas notas, mas mau comportamento, porque se desviava para um piano velho que existia numa sala do seminário e chegava atrasado às aulas, fazendo o bispo perguntar, aquando da visita, o que se passava com aquele aluno. Daí resultou a aquisição dum novo para que pudesse aprender. As suas melhores classificações são as de canto.

Com os seus conhecimentos consegue na sua actuação em Aveiro, após a sua ordenação, colocar os pobres lavradores ao lado de Deus, implementando novos métodos na agricultura. Tem os pobres do seu lado e, embora impedido por todas as restrições impostas pela "Cultural Republicana", continua a fazer as novenas na capela da Granja, Oliveirinha, onde era capelão.

Tudo isto lhe valeu um julgamento, condenação e expulsão do distrito de Aveiro em 31 de Março de 1913 e tudo no mesmo dia, por ordens de Afonso Costa, ainda herdeiro da corrente do mata-grades e ligado à maçonaria – coisa que ainda não nos desabitua como Igreja por estas bandas.

Escolhe Matosinhos e vai residir para casa de uma tia em Leça da Palmeira. Torna-se capelão da primitiva capela de Santo Amaro à roda da qual se vai estender a sua acção em Matosinhos. Compõe e vende os direitos de autor por não ter com que os pagar. O seu reportório não é apenas litúrgico. Fica uma temporada afónico, uma corda vocal com ruptura. Nessa época dedica-se com

mais afincos à pintura. Tem quadros, mas também estes desaparecem, o que o faz dizer : " Não sei como é! Nada traziam quando entraram, mas levavam embrulho em jornal quando saíam!" Pinta em casa do antigo prefeito em Leiria, onde ia passar temporadas. Vai a Fátima numa dessas estadias e passa a noite a ouvir confissões. Volta a casa e já consegue falar. Atribui este acontecimento a uma intervenção de Nossa Senhora de Fátima.

Começa então a pregar e não tem sossego. O seu descanso é a pintura e a pesca num pequeno barco que possuía seu tio.

Com todas as lides em que se empenhava, por vezes chegava a juntar as leituras do breviário para o fim do dia, mas não se deita antes de o fazer, porque as sente como uma riqueza espiritual, muito mais que uma obrigação.

Alimenta-se da Eucaristia e espalha grande devoção fundando em 1923 a Agregação do Santíssimo Sacramento com 2500 associados com fins de piedade e assistência. Em 1924 toma a direcção das Escolas e Patronato de S. Francisco de Sales e das Conferências de S. Vicente de Paulo da Juventude de Matosinhos. Desta sua acção, e dada a situação de miséria em que se encontravam as gentes de Matosinhos, sobretudo a classe piscatória, funda a sopa dos pobres com faculdade de dar de comer e vestir a 680 pessoas. Funda ainda um refúgio para crianças abandonadas e em 1932 as Escolas Católicas. Cria o Secretariado do Desemprego com o fim de conseguir empregos.

Não satisfeito com a sua acção em relação às crianças, pois o Refúgio de Santa Cruz é insuficiente para as necessidades na sua própria casa nasce a Obra Regeneradora dos Rapazes da Rua em 1942. Passa depois para a R. Roberto Ivens e finalmente consegue a Obra que o consome e totaliza – conforme dizia – a sede da Obra na R. Dr. Filipe Coelho em Matosinhos, cuja inauguração data de 28 de Julho de 1963.

Para sustentar todas as suas acções faz-se pobre dos pobres, passa pelas ruas a pedir, vai aos mercados, vai à lota do peixe, usa a rádio, entra nas casas do jogo, bate às portas com a sua saca verde, verdadeiro milagre quotidiano. Chegou a negociar em conservas e ajudou os conserveiros a arrancar com a exportação e retira deste trabalho lucros para a sua acção.

Religião, Cultura, Acção Social e Caridade juntaram-se harmoniosamente neste homem, numa simbiose pouco vulgar.

Uma vida assim só se compreende no ministério do sacerdócio que viveu. Homem grande, amante da vida e das pessoas, animado na pregação da Caridade de Cristo e da Igreja e pelo apelo que fazia à Caridade, com a sua voz de trovão, fazia desabrochar em muitos a semente da imagem de Deus que na Sua essência é Caridade; figura diante de quem os pobres tinham o olhar benevolente, não ousava duvidar da sua pobreza, pois dizia diante de quem o recriminava por dar esmolas sem saber se quem pedia precisa ou não: "E se precisa mesmo?"

A Eucaristia era majestosa, queria muitas flores na base do altar e nos paramentos litúrgicos pintados por ele o motivo que mais repetia era o pelicano. O pelicano, aquele que tira de si mesmo para se dar de alimento aos seus filhos, símbolo da Eucaristia e na qual, pela adoração do mistério que passava pelas suas mãos, aí se identificava com Cristo e hauria o seu ser de sacerdote, de algum modo se aplica à sua pessoa. Por isso o livro publicado sobre o Padre Grilo tem o subtítulo *Coração de Pelicano*.

Correspondendo ao desejo por si formulado de ficar junto dos “seus meninos” encontra-se sepultado na capela da Obra do seu próprio nome, desde 1 de Novembro de 1988, continuando assim a velar pela Obra que em vida o consumiu e continua atrair corações que se reencontram na Caridade.

Conceição Silva